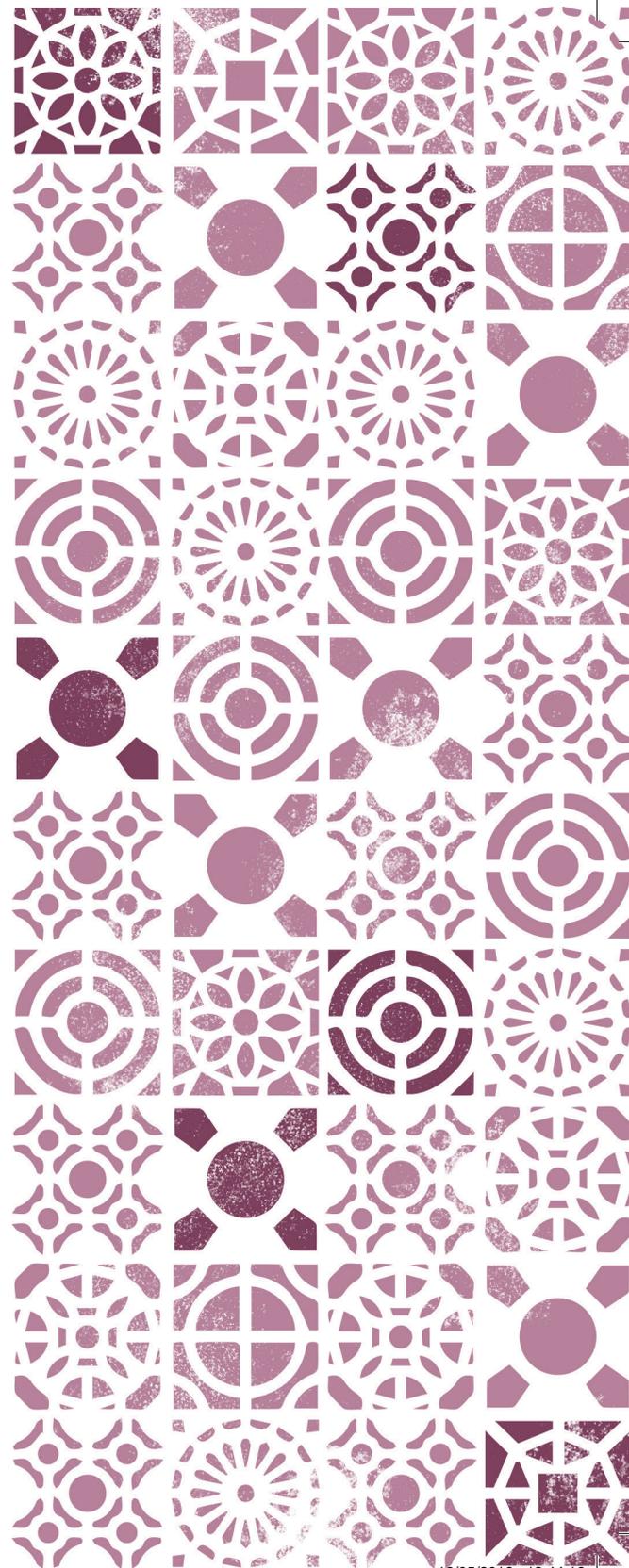


*É preciso
se atrever
para
sobreviver*

Josefa Conceição



Nós, do Grupo Mulheres Atrevidas, não temos percebido, nesses mais de trinta anos de epidemia de Aids, que tenha havido avanços significativos em relação à política enfrentamento à feminização da Aids no Brasil. A nosso ver, isso se dá por vários fatores. O primeiro deles é a falta de compromisso político dos governos com a política de para as mulheres em nosso país; outro é a condição de pobreza em que a maioria das mulheres, que se descobre com HIV vive, o que faz com que tenham muitas dificuldades em se organizar para reivindicar seus direitos, pois a prioridade é a busca pela sobrevivência. Outro fator bastante relevante é o medo do preconceito, já que a maioria dessas mulheres ainda vive com as mazelas do anonimato dessa doença e se organizar muitas vezes implica mostrar o rosto publicamente.

No Brasil, as poucas mulheres vivendo com HIV e Aids que se organizaram e atingiram alguns espaços políticos não construíram de forma horizontal essa participação política, nem se levou em consideração a realidade socioeconômica da maioria dessas mulheres. O movimento feminista, por sua vez, ainda não incorporou em sua agenda política a Aids como uma das prioridades na luta pela melhoria da qualidade de vida

das mulheres, considerando que a epidemia aumenta a vulnerabilidade das mulheres e a desigualdade de gênero. A condição de pobreza é estruturante para todas as desigualdades e influencia diretamente no aumento desta epidemia.

A política de saúde não tem conseguido dar respostas eficazes em relação à Aids e às mulheres. Compreendemos que da forma como ela é estruturada não dá conta das outras necessidades essenciais para que uma pessoa se sinta saudável, como: trabalho, renda, moradia, alimentação e lazer. Isso só é possível quando os governos federal, estaduais e municipais assumirem o compromisso de integração entre essas políticas, o que ainda não ocorre no Brasil.

O pouco conhecimento das mulheres sobre saúde as deixa ainda mais vulneráveis às armadilhas do sistema político, cujo maior compromisso não é com a vida das pessoas e sim com o que o mercado e o lucro. Muitas não têm a compreensão do que significa cuidar do corpo, tampouco entendem o conceito de saúde como um todo, e sem muitas alternativas acabam fazendo uso excessivo de medicamentos como antidepressivos, antibióticos, anti-inflamatórios, entre outros.

Os profissionais médicos raramente têm uma visão humanizada sobre saúde e sensibilidade para enxergar o contexto vivido pela maioria das mulheres que são atendidas nos serviços públicos de saúde. Estas não questionam os profissionais mesmo quando discordam deles por acharem que o médico é quem sabe tudo, afinal ele é doutor e quem são elas? E assim acreditam que simplesmente tomar remédios as impede de adoecer e morrer, deixando para outros a responsabilidade de cuidar dos seus pais, maridos e filhos, que a sociedade estabelece como dever das mulheres. Portanto,

sentem-se culpadas e acabam não buscando alternativas complementares ao tratamento medicamentoso.

Ter uma doença não significa estar doente, mas quando nos deparamos com as estruturas físicas e humanas dos serviços públicos de saúde, totalmente sucateadas e sem as mínimas condições de acolher e tratar dos possíveis problemas de saúde sofridos pelas mulheres, ficamos em situação de pânico e impotência. A maioria de nós não dispõe de alternativas e tem de encarar as filas de espera. Isso não só faz nos sentirmos doen-



tes, mas também assassinadas socialmente por um sistema político que só nos enxerga de quatro em quatro anos, afinal os políticos dependem dos nossos votos para que se mantenham no poder.

Diante deste contexto e com o apoio do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, em março de 2013, sete mulheres vivendo com HIV/Aids nos organizamos para trocar ideias, buscar informações e juntas tentar melhorar as nossas vidas e a de outras mu-

lheres. Nossas reuniões são mensais e as discussões ocorrem de acordo com as necessidades do grupo. Também participamos das reuniões e ações do Fórum de Mulheres de Pernambuco. O nome Mulheres Atrevidas foi pensado como uma das formas de estimular nós mulheres a agirmos em uma sociedade em que é preciso se atrever para sobreviver; dentro desta perspectiva, estamos desafiando nossos limites para realizar ações que possam fortalecer nosso desenvolvimento socio-político e o de quem pudermos alcançar.

Ações públicas realizadas

1. Roda de Diálogo “Mulher e Aids: o que eu a tenho ver com isso?”, com mulheres de vários grupos da região Metropolitana de Recife.
2. Fórum de Diálogo com o governo sobre Aids no Cotidiano das Mulheres, onde debatemos acerca do tema com o Programa Estadual de DST/Aids do governo e junto com mulheres de vários grupos da região metropolitana de Recife.